

O bom ladrão da poesia francesa

Nasceu Villon no longínquo século XV, em 1431, no ano mesmo em que Joana d'Arc morria queimada em Ruão. São, talvez, duas das figuras mais características da França, naquele século. *Joana, a boa lorena*, encarna o patriotismo popular francês e o desordeiro poeta parisiense surge como o primeiro grande representante da poesia lírica francesa. Ao fim de sua aventura inacreditável, ergue-se em meio às chamas da fogueira a donzela de Orléans, voando de seus lábios, com o último suspiro, uma pomba branca. E, ao fim de uma dolorosa experiência da vida, através de sua imaginação, vemos o poeta pendurado numa corda e, a desfigurar-lhe o rosto, uma negra revoada de corvos.

Registra a poesia de Villon (*Le Lais, Le Testament, Poésies diverses*) sua vida infortunada e nos dá uma sombria visão da condição humana.

Em uma das baladas que entremeiam o *Testament*, diz Villon que este mundo é uma prisão. Não foi êle prisioneiro

apenas metafóricamente. Estêve encarcerado várias vêzes. E de uma dessas temporadas em prisão, em Meung-sur-Loire, conserva uma lembrança tão amarga que os primeiros e os últimos versos do *Testament* trazem um eco de seu ressentimento. Foi o cativo em Meung que trouxe seu envelhecimento precoce. Uma vida tôda irregular, em companhia de assaltantes, entrelaçada de roubos, rixas e até de crime, só podia levar o poeta à prisão e quase o leva à fôrca. Malfeitor, é denominado por um de seus editôres — *o bom ladrão da poesia francesa*.

Embora se reconheça culpado, procura Villon justificar seus desatinos, mostrando-se vítima de uma fatalidade, a pobreza: *A necessidade nos faz agir mal e a fome faz sair o lobo da floresta*. Mas, à espera do pobre lobo, esfaimado e vagabundo, estavam os mastins robustos da sociedade. Pobre, filho e neto de pobres, critica os ricos e poderosos do momento. Numa demonstração típica de certo anticlericalismo medieval, envolve em sua censura os religiosos de vida pouco ascética e não muito exemplar. Mas, o que reprova nos outros, deseja, sôfregamente, para si: bom leite, boa comida, ovos fritos ou escaldados, tortas, peixe graúdo, bons vinhos, etc. Sua partilha, porém, foi conhecer as privações da pobreza e, mais de uma vez, sua face angustiada, a fome. Como a muitos de seus amigos, aconteceu-lhe, também, ver o pão, sômente, nas vitrines.

Que podia esperar do amor, o pobre e feio poeta? Na última balada do *Testament*, entre pilhérias e rimas não muito bem *soantes*, declara-se mártir do amor. A seu modo êle o foi e seus versos já puderam ser chamados, à imitação de Apollinaire, *La Chanson du Mal Aimé*. De uma de suas amadas, Catherine de Vaucelles, guarda uma insistente e magoada recordação. Dela e de outras vinga-se em muitos versos misóginos. Mas não passa sua vida em lamúrias, consolando-se fâcilmente em prazeres. Tornou-se *o cavalleiro de uma Aspásia de encruzilhada* (Gautier). A grossa Margot e sua profissão não muito honesta inspiram conhecida balada. No entanto, o desejo de amôres menos impuros vem à tona, como nos versos em que celebra a felicidade conjugal de um seu amigo devotado (*Ballade pour Robert d'Estouteville*). São da autoria do dissoluto Villon "os mais belos versos já escritos sôbre o casamento".

Muito sofreu Villon de suas desventuras pessoais, seus descaminhos na sociedade, tristes amôres, doença, prisão, tortura. Mas tudo isso não faz senão tornar mais agudo o

sentimento de outra miséria em que se engloba seu infortúnio pessoal. É a própria miséria da condição humana.

Suas mais belas poesias são certamente aquelas consagradas à condição humana. Assim, sentiu Villon profundamente o efêmero da vida, percebendo, como Pascal, que tudo nos escorrega entre as mãos numa eterna fuga. *Nada se detém para nós.* Aos trinta anos, alquebrado, envelhecido, debruça-se o poeta sobre sua mocidade tão rapidamente passada e tão desordenadamente vivida: a fuga rápida e inexorável do tempo se torna mais dolorosa pelo sentimento do remorso. O lamento da vida transitória evolui para a poesia da contrição.

Mas não se trata de um caso pessoal. É toda a humanidade que é levada de roldão. Em duas baladas consecutivas, Villon traduz esse pensamento, sobretudo na primeira, *Balade des Dames du Temps Jadis*, cujo refrão: *Mas onde estais, neves de outrora?* (1) pontua, como um dobre, a passagem, pela História, de mulheres belas e legendárias.

Deixando de lado os espectros da História, que sua erudição aprendeu nos bancos da Sorbonne, Villon contempla, ao redor de si, os estragos do tempo, sob a forma da velhice. D'Aubigné pensava que *uma rosa de outono é mais que outra formosa*. E Mainard, eternecido, celebra os encantos de uma beleza sexagenária. O que Villon nos exhibe é uma velha prostituta de oitenta anos a falar de uma antiga formosura naufragada nos escolhos da idade. Mais cruel do que a velhice é a morte, cuja ação destruidora arranca esta queixa: *Corpo feminino, que és tão brando, polido, suave e precioso, deverás ser atingido por esses males?* A Morte, velho capitão baudelairiano, e segundo J. Huizinga, obsessão do declínio da Idade Média, é o grande tema de Villon.

Apesar de sua mágoa contra a pobreza, dissera ser preferível um pobre vivo a um rico morto, como o argentário medieval, Jacques Coeur, falecido havia pouco tempo. Mas ninguém escapa à morte. Numa sarabanda macabra vai a Morte ceifando pobres e ricos, sábios e loucos, padres e leigos, nobres e vilões. E nesse castigo fatal há uma terrível hediondez física: Villon nos mostra, com realismo, as vascas da agonia e a decomposição do cadáver:

*Aqui somos atados cinco, seis.
Quanto à carne, demais por nós nutrida,
É gasta, devorada, corrompida
E nós, ossos, cinza e pó vamos ser.
Pela chuva lavados e polidos,
Pelo sol ressequidos e tostados,*

*Os olhos pelos corvos engolidos
A barba e o cabelo arrancados (2).*

Cruel, a Morte restabelece, porém, a igualdade entre os homens e até pode ser promissora. Representante de uma época de Fé, alude Villon, esperançoso, à Assunção da Virgem, cujo corpo escapou à decomposição, e suplica orações fraternas para que, em virtude da comunhão dos santos, obtenha uma revanche sôbre a vida. É verdade que a morte, de modo geral, e sua própria morte iminente, não inspiram sômente páginas dramáticas. Há também versos de humor negro como aquela quadra em que diz, cruamente, que, uma vez enforcado, seu pescoço haveria de saber qual o pêso de seu corpo. *Je ris en pleurs*, confessa Villon numa balada. Mas seu riso impressiona menos que seu pranto. Em boa parte, sua poesia nos lembra aquêlo soluço ardente que, segundo Baudelaire, vem rolando através dos séculos e morrer aos pés da Eternidade.

CLÁUDIO VEIGA

1 Trad. de Modesto de Abreu.

2 Trad. de A. Herculano de Carvalho.

Gravuras de Hansen-Bahia
para o livro "François-Villon",
Fackelträger - Verlag,
Hannover, Alemanha, 1963.

Tiragem de 500 exemplares,
20 exemplares numerados
e assinados com tiragem manual
das gravuras.









